

## Evidências psicométricas da Escala de Estilos de Amor (EEA) para homossexuais brasileiros(as)

Matheus Svóboda Caruzo  
Emmy Uehara Pires  
Alexsandro Luiz de Andrade

### RESUMO

A teoria das cores do amor de John Alan Lee propõe uma taxonomia das atitudes dos indivíduos em relacionamentos amorosos, em que *Eros*, *Storge* e *Ludus* são estilos de amor primários que dão origem a estilos secundários, *Ágape*, *Mania* e *Pragma*, em um sistema de complementaridade. Contudo, ainda não há evidências suficientes que sustentem o aspecto teórico da complementaridade entre os estilos. Este artigo apresenta evidências psicométricas de estrutura fatorial, consistência interna e invariância da Escala dos Estilos de Amor para uma amostra de 1.380 homossexuais adultos brasileiros(as) (966 homens), bem como analisa a complementaridade dos estilos através de escalonamento multidimensional. A medida apresentou propriedades psicométricas razoáveis, com índices de consistência interna variando de 0,71 (*Pragma*) a 0,87 (*Ludus*). A análise de distribuição espacial das dimensões indicou uma alteração na complementaridade dos estilos, com uma inversão entre *Eros* e *Ágape* em relação ao disco cromático proposto na teoria original. Esta pesquisa contribui para a generalização de construtos teóricos sobre o amor, tradicionalmente adaptados com amostras de heterossexuais, indicando semelhanças configurais nos relacionamentos amorosos independentes da orientação sexual.

**Palavras-chave:** Relacionamentos amorosos; Homossexualidade; Psicometria.

### ABSTRACT

#### Psychometric Evidence of the Love Styles Scale (EEA) for Brazilian homosexuals

John Alan Lee's theory of the colors of love proposes a taxonomy of the individuals' attitudes in love relationships, in which *Eros*, *Storge* and *Ludus* are primary love styles that give rise to secondary styles, *Agape*, *Mania* and *Pragma*, in a system of complementarity. However, there is still not enough evidence to support the theoretical aspect of complementarity between the styles. This article presents psychometric evidence of factor structure, internal consistency and invariance of the Love Attitudes Scale for a sample of 1.380 Brazilian adult homosexuals (966 men), as well as analyzes the complementarity of styles through multidimensional scaling. The measure showed reasonable psychometric properties, with reliability indices ranging from 0.71 (*Pragma*) to 0.87 (*Ludus*). The analysis of the spatial distribution of the dimensions indicated a change in the complementarity of the styles, with an inversion between *Eros* and *Agape* in relation to the chromatic disc proposed in the original theory. This research contributes to the generalization of theoretical constructs about love, traditionally adapted with samples of heterosexuals, showing that there are configurational similarities in love relationships regardless of sexual orientation.

**Keywords:** Loving relationships; Homosexuality; Psychometrics.

### Sobre os autores

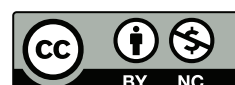
M. S. C.  
orcid.org/0000-0002-4319-5237  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro  
psicaruzo@gmail.com

E. U. P.  
orcid.org/0000-0002-3845-4839  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ  
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro  
emmy.uehara@gmail.com

A. L. A.  
orcid.org/0000-0003-4953-0363  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
Vitória – Espírito Santo  
alexandro.deandrade@yahoo.com

### Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Embora seja uma temática historicamente discutida pela arte e filosofia, a ciência gradativamente fincou sua bandeira na compreensão do amor e dos relacionamentos amorosos. Na Psicologia Social, a partir da década de 1960, começa a ser delineada a chamada Psicologia do Amor (Fehr, 2013; Hatfield et al., 2012; Hernandez et al., 2017), composta por estudos baseados em hipóteses psicossociológicas testadas a partir de metodologias quantitativas e qualitativas, investigando aspectos como a gênese, a manutenção e o término das relações amorosas (Schlösser & Camargo, 2014). Neste contexto, pode-se definir o amor como um sistema complexo que engloba crenças, atitudes e comportamentos (Hatfield & Sprecher, 1986; Lee, 1973; Sternberg, 1986), determinando o modo operandi do sujeito em uma relação (Rubin, 1970).

Fehr (2013), Hatfield et al. (2012), Martins-Silva et al. (2013) e outros estudos revisaram as pesquisas do amor no campo da Psicologia Social, realçando a produção de Berscheid e Hatfield (1969), Clark e Mills (1979), Hatfield e Walster (1983), Rubin (1970) e Walster e Walster (1978). Atualmente, dois sistemas teóricos sobre o amor são os mais pesquisados na Psicologia Social, a saber: a teoria triangular do amor de Robert Sternberg (1986, 1988) e a teoria tipológica do amor, ou teoria das cores do amor, de John Alan Lee (1973).

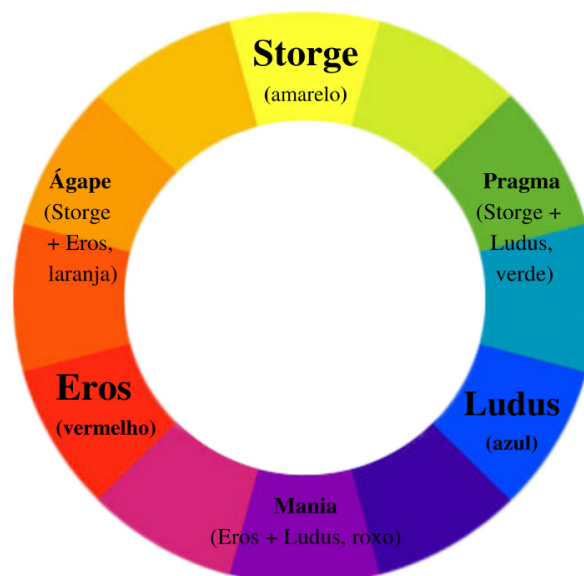
A teoria das cores do amor (1973) analisa como as pessoas vivenciam o amor nos relacionamentos íntimos. Lee destacava que seu principal objetivo não era definir o amor, mas descrever e distinguir as várias concepções de amar. Para tanto, o autor executou uma extensa pesquisa integrativa de estado da arte envolvendo literatura de ficção e não ficção a respeito do amor, abarcando desde a Grécia Antiga até autores contemporâneos de diferentes áreas. Posteriormente, através de técnicas de "tipologia construtiva" (Lee, 1977a), elaborou os seis estilos de amar (Eros, Storge, Ludus, Ágape, Mania e Pragma). O autor compreendia os estilos como manifestações sociais empíricas que podem variar ou não entre as relações. Lee ressaltava que a tipologia se propunha a explicar o conjunto de atitudes dos sujeitos frente a relacionamentos amorosos, ou seja, "a tipologia é sobre os relacionamentos, não sobre os amantes" (Lee, 1976, p. 403, tradução livre).

Nesta teoria, o amor é visto como um sistema cognitivo complexo, responsável por fundamentar ou modelar as atitudes através das quais as pessoas se relacionam amorosamente (Hendrick & Hendrick, 1986). Atitude é um dos principais conceitos da Psicologia Social, relativo a uma forma estruturada de pensar e sentir em relação a um objeto, o que predispõe o indivíduo a uma determinada ação (comportamento). Para além do componente cognitivo (crenças, valores, opiniões), as atitudes contam com aspectos afetivos (sentimentos e emoções) e aspectos comportamentais (predisposição para agir) (Torres & Neiva, 2011).

Cada um dos seis estilos propostos em sua teoria é composto por um agrupamento de atitudes a respeito dos relacionamentos amorosos, podendo diferentes estilos coexistir em um mesmo relacionamento, embora haja um dominante (Lee, 1973). A estrutura taxonômica dos estilos é representada como um disco cromático, em que as três cores primárias - vermelho, amarelo e azul - dão origem a três cores secundárias - verde, laranja e roxo. Isto é, os estilos primários de amor (Eros, Storge e Ludus) interagem e compõem os estilos secundários (Ágape, Mania e Pragma), como ilustrado na Figura 1. Lee (1977) e Lasswell (1976) propuseram instrumentos de medida para a comprovação empírica da teoria, mas não apresentaram dados de uma amostra, o que foi feito pela primeira vez por Hendrick e Hendrick (1986).

Em relação aos estilos, Eros é fortemente demarcado pela paixão e pelo erotismo, guiado por um ideal físico de parceiro(a). É autoconfiante e intenso no amor, mas sem exigências ou controle excessivo. Storge tem suas bases no companheirismo, sendo a relação amorosa uma extensão desta profunda amizade, envolvendo intimidade sexual e compromisso. Já aqueles que amam segundo o estilo Ludus experienciam os relacionamentos como um jogo. Embora haja muitos "tipos" disponíveis, o sujeito não está pronto para se comprometer e espera que o relacionamento possa se encaixar em sua rotina sem desorganizá-la (Lee, 1977a).

Figura 1 - Representação dos estilos de amor através do círculo cromático



Ágape (Eros + Storge) se constitui como uma maneira altruísta de amar. Lee (1977a) discute que é um estilo de amar que provavelmente encontra sua expressão completa na abnegação absoluta no celibato, ou seja, quando se coloca o objeto de amor

acima de si mesmo. Nos relacionamentos amorosos, aparece geralmente em um momento mais maduro da vida. Mania (Eros + Ludus) é um amor possessivo e enciumado, um estilo de amar intenso e incontrolável, caracterizado pela dependência e baixa autoestima. Por fim, Pragma (Storge + Ludus) combina a companhia de Storge com o controle e a manipulação de Ludus. O sujeito enxerga o amor como um negócio a ser fechado, só permitindo a elegibilidade do(a) parceiro(a) após preenchimento de um checklist de status social desejado (Cassepp-Borges & Ferrer, 2019; Lee, 1977a).

Após as primeiras publicações da teoria, rapidamente surgiram instrumentos para comprovação empírica dos estilos de amor. O instrumento mais utilizado na literatura internacional é o de Hendrick e Hendrick (1986), haja vista seu caráter de resposta ordinal e propriedades psicométricas mais consistentes, com consistência interna das dimensões variando entre 0,70 e 0,83. Também foram propostas versões reduzidas que obtiveram índices de validade e consistência semelhantes aos da versão completa (Hendrick et al., 1988; Sprecher et al., 1994). No Brasil, Barros e Calvano (2005) foram os primeiros a apresentar dados psicométricos para a teoria a partir da tradução e da adaptação do instrumento proposto por Lasswell e Lasswell (1976).

A metanálise de Graham e Christiansen (2008) mostrou que os estudos exploratórios e confirmatórios ratificam a estrutura de seis dimensões da escala (Hendrick & Hendrick, 1986), apesar de alguns valores limítrofes (< 0,70) de consistência interna. Igualmente, as adaptações para o português de Andrade e Garcia (2009, 2014), Cassepp-Borges e Ferrer (2019) e Neto (1993) indicaram a pertinência da estrutura de seis dimensões, pouca correlação entre as dimensões e a consistência interna adequada na maioria das subescalas.

Embora diversos pesquisadores tenham apresentado evidências de validade de construto para a Escala de Estilos de Amor (EEA), pouco se analisou a respeito do caráter circumplexo do disco cromático, com exceção de Neto (2002) e Cassepp-Borges e Ferrer (2019). A circumplexidade é uma estrutura ordenada em que cada elemento tem um elemento complementar, apresentando características opostas em algum aspecto, apesar da originalidade qualitativa de cada um (Hendrick & Hendrick, 1986). Neste sentido, Eros (vermelho) seria complementar de Pragma (verde), Ludus (azul) seria complementar de Ágape (laranja) e Storge (amarelo) seria complementar de Mania (roxo), o que se mostra plausível de acordo com a teoria.

Cassepp-Borges e Ferrer (2019) chamaram a atenção para este aspecto fundamental da teoria de Lee e foram os primeiros a utilizar o Escalonamento Multidimensional para observar a distribuição espacial das dimensões. Os resultados foram próxi-

mos da circularidade, no entanto houve uma inversão na ordem dos estilos entre vermelho (Eros) e laranja (Ágape). Propôs-se uma nova representação gráfica para os estilos, dividindo-os em dois eixos [Eros x Ludus e Storge (Pragma) x Mania (Ágape)]. Nesta configuração, Ágape seria uma manifestação branda e inferior de Mania, enquanto Pragma seria o mesmo em relação à Storge. Portanto, a compreensão a respeito do aspecto da circumplexidade da teoria ainda se mostra insuficiente.

### **“As cores proibidas do amor”<sup>1</sup>: relacionamentos homoafetivos**

John Alan Lee, sociólogo e cientista, foi o primeiro homem a se declarar abertamente homossexual na televisão canadense, além de militar por essa e outras causas (1976; 1977b; 1979; 1987; 1989). Em definição proposta pelo dicionário virtual da Associação de Psicologia Americana (APA, 2023), a homossexualidade é uma orientação sexual caracterizada pela duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva por pessoas do mesmo sexo, propondo-se o uso do termo “orientação sexual do mesmo sexo” (same-sex sexual orientation).

Entretanto, orientação sexual é um conceito complexo que abarca a dimensão afetiva e a dimensão comportamental da prática sexual, mas também implica uma dimensão social e cognitiva de identidade (Troiden, 1989). Além disso, é importante observar que relações homoafetivas podem acontecer entre pessoas transgênero (Bento, 2012), o que não seria abarcado pelo conceito de “same-sex sexual orientation”. Nesta pesquisa, utiliza-se “homossexual” para definir uma orientação de sexualidade (gay ou lésbica) e “relacionamento homoafetivo” para referenciar relações amorosas entre pessoas do mesmo gênero, de maneira a expandir o termo para além do sexual e reforçar a proposta terminológica jurídica (Castanho França, 2020).

Apesar do relacionamento homoafetivo ser historicizado desde as primeiras sociedades humanas (Corino, 2006; Evans-Pritchard, 1970) e estar mais evidente na sociedade contemporânea, há pouco interesse de pesquisa nestes arranjos. Há 10 anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística constatou a existência de 60 mil casais homoafetivos no Brasil (IBGE, 2011). Contudo, esse número é altamente questionável e não há sistema para levantamento destas informações no país. Em contraste, no ano de 2000, o censo norte-americano apontou 600 mil casais homoafetivos nos Estados Unidos (Gates & Ost, 2004) e, em 2015, mais de 1 milhão de casais (Gates & Newport, 2015).

Os resultados das pesquisas científicas envolvendo casais homoafetivos se mostram majoritariamente semelhantes aos estudos com heterossexuais, com altas taxas de satisfação conjugal entre gays e lésbicas (Kurdek, 1991; Lafontaine et al., 2013).

1 “*Forbidden colours of love*” é o título de um artigo de Lee de 1976 que discute os estilos de amor em homossexuais com base em análise de anúncios de jornais, método muito utilizado pelos gays norteamericanos e canadenses na década de 1970 e 80 para encontrarem parceiros amorosos.

Em revisão de estudos norte-americanos, Peplau e Fingerhut (2007) sublinham a importância legal e política de tais pesquisas no itinerário do reconhecimento jurídico das relações homoafetivas. No Brasil, a revisão de Nascimento et al. (2015) demonstra que as pesquisas do tema estão distribuídas em estudos sobre o casamento, a parentalidade, as políticas públicas e os aspectos culturais.

Na Psicologia do Amor nacional (Hernandez et al., 2017) e internacional (Sternberg, 2006), são poucos os estudos com casais homoafetivos. Adle et al. (1986) analisaram os estilos do amor em uma amostra de homens homossexuais e heterossexuais e não encontraram diferenças significativas em relação à orientação sexual. Zamora et al. (2013) encontraram maiores escores para Mania e Pragma e menores para Eros em homens homossexuais em um relacionamento em comparação aos solteiros.

Sendo assim, por mais que haja dados robustos quanto à validade de construto da teoria de Lee, tais dados são majoritariamente baseados em estudos com pessoas heterossexuais. Da mesma maneira, não há registros da análise da circunplexidade da teoria através de dados de amostras de pessoas homossexuais. Haja vista à aplicabilidade da teoria a todos os relacionamentos, ainda há a necessidade de investigar mais profundamente os dados provenientes de amostras de pessoas com orientações sexuais diversas.

A partir disso, este artigo tem dois principais objetivos. Primeiro, testar o modelo teórico da EEA através de Análise Fatorial Confirmatória (AFC), consistência interna e Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG), investigando a invariância da estrutura fatorial para gays e lésbicas, de diferentes regiões do Brasil e estados civis, através dos modelos configural, métrico e escalar. Segundo, testar a localização espacial das dimensões em busca de evidências da circunplexidade dos estilos através de Escalonamento Multidimensional (EMD). Para suportar a hipótese de circunplexidade da teoria original, cada estilo deve se correlacionar positivamente apenas com os estilos adjacentes.

## MÉTODO

### PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 1.380 homens e mulheres homossexuais brasileiros(as). Entre eles, 966 foram do sexo masculino (69,9%) e 414 (30,0%) do sexo feminino, com média de idade de 28,38 (DP= 8,401 [18-68]). Em relação à identidade de gênero, 93,7% dos participantes eram cisgêneros ( $n= 1294$ ), mas houve participação de homens ( $n= 20$ ) e mulheres ( $n= 8$ ) transgêneros e de pessoas identificados como gênero não-binário/outros ( $n= 58$ ). Utilizou-se o critério metodológico da autodeclaração para mensurar a homossexualidade do participante. O sujeito deveria

concordar que “predominantemente sente atração sexual, afetiva e/ou romântica por pessoas do mesmo gênero”, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero. Algumas considerações sobre esse critério são feitas ao final da discussão.

### INSTRUMENTOS

Utilizou-se um formulário on-line de coleta de dados (Google Forms) para obter dados sociodemográficos como sexo, identidade de gênero, escolaridade, profissão, região etc. Também foram coletados dados relativos à vivência de experiências amorosas e à vivência da homossexualidade dos participantes.

Em seguida, o participante respondeu à Escala de Estilos do Amor (EEA, Andrade & Garcia, 2014; Hendrick & Hendrick, 1986). O instrumento possui 37 itens que mensuram aspectos correlacionados às atitudes individuais no amor, divididos em seis dimensões (os estilos: Ágape, Mania, Eros, Storge, Ludus, Pragma). A resposta de cada item seguiu uma escala Likert de 5 pontos, variando de “concordo fortemente” a “discordo fortemente”.

Ágape é uma dimensão composta por sete itens (“Penso que não dá para ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro(a) antes da minha”); Ludus é composta por cinco itens (“Acredito ser importante ter vários parceiros(as), pois só se vive uma vez”); Eros é composto por sete itens (“Penso que sentir um grande desejo sexual por meu companheiro(a) é vital para o nosso amor”); Pragma é composta por sete itens (“Ao escolher um parceiro(a) penso em como ele(a) vai influenciar na minha carreira”); Storge é composta por cinco itens (“Acredito que os melhores relacionamentos de amor se desenvolveram a partir de boas amizades”) e Mania é composta por seis itens (“Penso que se meu parceiro(a) não presta atenção em mim, minha vida não tem graça”). A pontuação das dimensões é realizada a partir da média (soma dos itens dividido pelo número de itens).

Neste caso, optou-se pela retirada do item 23 (“Antes de me envolver seriamente com alguém, tento pensar no quanto somos compatíveis geneticamente no caso de termos filhos”), pertencente à dimensão Pragma devido à incompatibilidade do conteúdo do item à grande parte da amostra (relacionamentos homoafetivos cisgêneros). Portanto, neste estudo a dimensão Pragma foi composta por seis itens.

### PROCEDIMENTOS DE COLETA E ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa recebeu parecer positivo na Plataforma Brasil, nº 4.084.090 (Comitê de Ética do IPUB/UFRJ). A coleta foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2020 através de um formulário on-line (Google Forms).

## ANÁLISE DE DADOS

Por meio do software JASP, realizou-se Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG), utilizando o método de estimação RDWLS, apropriado para dados categóricos-ordinais (Li, 2016). A AFCMG investigou a invariância da medida para homens e mulheres, de diferentes regiões do Brasil e estado civil (solteiro(a), namorando ou casado(a)/união estável), comparando os modelos configural, métrico e escalar. O teste de diferença do CFI (Comparative Fit Index) foi utilizado para constatar a invariância da medida (se  $\Delta CFI$  for  $> 0,01$ , a invariância não pode ser acatada) (Damásio, 2013).

Os índices de ajuste utilizados foram a razão  $\chi^2/gf$ , o Comparative Fit Index (CFI), o Tucker-Lewis Index (TLI), o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) e o Standardized Root Mean Residual (SRMR). A razão  $\chi^2/gf$  deve ser  $\leq$  que 5 ou  $\leq$  que 3, preferencialmente. CFI e TLI devem ser  $>$  que 0,90 ou  $\geq$  0,95, preferencialmente (Brown, 2006; 2015). Já os valores de RMSEA devem ser  $\leq$  que 0,08, ou preferencialmente,  $\leq$  que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior)  $\leq$  0,10. Por fim, a consistência

interna da escala completa foi analisada através dos indicadores alfa de Cronbach e ômega de McDonald.

Seguindo Cassepp-Borges e Ferrer (2019) como estudo-referência, foi realizado Escalonamento Multidimensional (EMD) para investigar a circunplexidade e a distribuição espacial dos dados (Giguère, 2006). Por meio do algoritmo de resolução PROXSCAL (Proximity Scaling), solicitou-se um modelo bidimensional baseado nas distâncias euclidianas.

## RESULTADOS

Todos os estados do Brasil foram contemplados na amostra, que contou com diversidade em diferentes aspectos sociodemográficos, embora a distribuição regional não represente a realidade brasileira, com alguns estados super-representados e outros sub-representados (Tabela 1). Os estados com menos participantes foram Roraima ( $n= 1$ ), Acre ( $n= 2$ ), Rondônia ( $n= 4$ ) e Tocantins ( $n= 5$ ), de forma que houve uma menor participação da região Norte.

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra

|                      |                          | REGIÃO |          |              |         |     | TOTAL |
|----------------------|--------------------------|--------|----------|--------------|---------|-----|-------|
|                      |                          | NORTE  | NORDESTE | CENTRO-OESTE | SUDESTE | SUL |       |
| Sexo                 | Masculino                | 45     | 182      | 75           | 546     | 118 | 966   |
|                      | Feminino                 | 18     | 84       | 27           | 243     | 42  | 414   |
| Gênero               | Cisgênero                | 56     | 252      | 96           | 740     | 150 | 1294  |
|                      | Transgênero              | 2      | 3        | 2            | 21      | 0   | 28    |
|                      | Não-binário              | 5      | 11       | 4            | 28      | 10  | 58    |
| Década de nascimento | 1950-1959                | 0      | 0        | 0            | 3       | 0   | 3     |
|                      | 1960-1969                | 0      | 4        | 1            | 26      | 2   | 33    |
|                      | 1970-1979                | 0      | 16       | 5            | 57      | 10  | 88    |
|                      | 1980-1989                | 13     | 54       | 19           | 190     | 44  | 320   |
|                      | 1990-1999                | 33     | 128      | 63           | 418     | 91  | 733   |
|                      | 2000-2002                | 17     | 64       | 14           | 95      | 13  | 203   |
| Estado civil         | Solteiro(a)              | 32     | 136      | 43           | 411     | 83  | 705   |
|                      | Namorando                | 19     | 76       | 35           | 211     | 35  | 376   |
|                      | Casado/União estável     | 12     | 54       | 24           | 167     | 42  | 299   |
| Raça ou etnia        | Branco(a)                | 12     | 95       | 58           | 486     | 123 | 774   |
|                      | Preto(a)                 | 14     | 159      | 5            | 101     | 10  | 189   |
|                      | Pardo(a)                 | 33     | 105      | 35           | 193     | 22  | 388   |
|                      | Outra                    | 4      | 7        | 4            | 9       | 5   | 29    |
| Escolaridade         | Fundamental incompleto   | 0      | 3        | 0            | 5       | 0   | 8     |
|                      | Fundamental completo     | 1      | 0        | 0            | 4       | 0   | 5     |
|                      | Médio incompleto         | 6      | 20       | 0            | 14      | 6   | 46    |
|                      | Médio completo           | 5      | 45       | 12           | 85      | 13  | 160   |
|                      | Superior incompleto      | 26     | 80       | 36           | 268     | 42  | 452   |
|                      | Superior completo        | 8      | 50       | 24           | 179     | 39  | 300   |
|                      | Pós-graduação lato sensu | 6      | 37       | 19           | 127     | 25  | 214   |
|                      | Mestrado ou doutorado    | 11     | 31       | 10           | 95      | 32  | 179   |
|                      | Mestrado ou doutorado    | 0      | 0        | 1            | 12      | 3   | 16    |

## ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA E CONSISTÊNCIA INTERNA

A AFC indicou que o modelo de seis dimensões se ajustou aos dados ( $c^2 = 2.058.378$  (459),  $p < 0,001$ ;  $c^2/gl = 4,48$ ; CFI = 0,93; TLI= 0,92; RMSEA= 0,043 [0,041 – 0,045]; e SRMR= 0,051). As cargas fatoriais podem ser visualizadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Cargas fatoriais da Escala de Estilos de Amor (EEA)

|           | F1          | F2          | F3          | F4          | F5          | F6          |
|-----------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| ágape_1   | <b>0,80</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_2   | <b>0,75</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_3   | <b>0,60</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_4   | <b>0,71</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_5   | <b>0,61</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_6   | <b>0,76</b> |             |             |             |             |             |
| ágape_7   | <b>0,70</b> |             |             |             |             |             |
| ludus_8   |             | <b>0,83</b> |             |             |             |             |
| ludus_9   |             | <b>0,75</b> |             |             |             |             |
| ludus_10  |             | <b>0,86</b> |             |             |             |             |
| ludus_11  |             | <b>0,90</b> |             |             |             |             |
| ludus_12  |             | <b>0,70</b> |             |             |             |             |
| eros_13   |             |             | <b>0,75</b> |             |             |             |
| eros_14   |             |             | <b>0,64</b> |             |             |             |
| eros_15   |             |             | <b>0,60</b> |             |             |             |
| eros_16   |             |             | <b>0,37</b> |             |             |             |
| eros_17   |             |             | <b>0,57</b> |             |             |             |
| eros_18   |             |             | <b>0,34</b> |             |             |             |
| eros_19   |             |             | <b>0,40</b> |             |             |             |
| pragma_20 |             |             |             | <b>0,68</b> |             |             |
| pragma_21 |             |             |             | <b>0,62</b> |             |             |
| pragma_22 |             |             |             | <b>0,62</b> |             |             |
| pragma_24 |             |             |             | <b>0,73</b> |             |             |
| pragma_25 |             |             |             | <b>0,51</b> |             |             |
| pragma_26 |             |             |             | <b>0,40</b> |             |             |
| storge_27 |             |             |             |             | <b>0,66</b> |             |
| storge_28 |             |             |             |             | <b>0,70</b> |             |
| storge_29 |             |             |             |             | <b>0,67</b> |             |
| storge_30 |             |             |             |             | <b>0,48</b> |             |
| storge_31 |             |             |             |             | <b>0,51</b> |             |
| mania_32  |             |             |             |             |             | <b>0,75</b> |
| mania_33  |             |             |             |             |             | <b>0,67</b> |
| mania_34  |             |             |             |             |             | <b>0,63</b> |
| mania_35  |             |             |             |             |             | <b>0,69</b> |
| mania_36  |             |             |             |             |             | <b>0,49</b> |
| mania_37  |             |             |             |             |             | <b>0,58</b> |

A consistência interna das dimensões foi adequada para *Ágape* ( $\Omega = 0,85$ ;  $\alpha = 0,85$ ), *Ludus* ( $\Omega = 0,87$ ;  $\alpha = 0,87$ ), *Eros* ( $\Omega = 0,81$ ;  $\alpha = 0,81$ ), *Storge* ( $\Omega = 0,76$ ;  $\alpha = 0,77$ ) e *Mania* ( $\Omega = 0,78$ ;  $\alpha = 0,78$ ) e mediana para *Pragma* ( $\Omega = 0,71$ ;  $\alpha = 0,70$ ). Os resultados da AFCMG acataram a invariância configural, métrica e escalar para região, sexo e estado civil (Tabela 3).

Tabela 3 – Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG) para EEA

|                     | RMSEA (90% IC)        | SRMR  | TLI   | CFI   | $\Delta CFI$ |
|---------------------|-----------------------|-------|-------|-------|--------------|
| <b>Região</b>       |                       |       |       |       |              |
| Modelo Configural   | 0,032 (0,029 – 0,036) | 0,066 | 0,959 | 0,963 | -            |
| Modelo Métrico      | 0,035 (0,0032– 0,038) | 0,068 | 0,954 | 0,956 | 0,007        |
| Modelo Escalar      | 0,033 (0,030 – 0,036) | 0,066 | 0,957 | 0,957 | 0,001        |
| <b>Sexo</b>         |                       |       |       |       |              |
| Modelo Configural   | 0,038 (0,036 – 0,041) | 0,054 | 0,942 | 0,947 | -            |
| Modelo Métrico      | 0,039 (0,037 – 0,041) | 0,055 | 0,940 | 0,943 | 0,004        |
| Modelo Escalar      | 0,040 (0,037 – 0,042) | 0,054 | 0,939 | 0,941 | 0,002        |
| <b>Estado civil</b> |                       |       |       |       |              |
| Modelo Configural   | 0,036 (0,034 – 0,039) | 0,058 | 0,947 | 0,952 | -            |
| Modelo Métrico      | 0,037 (0,035 – 0,040) | 0,060 | 0,945 | 0,948 | 0,004        |
| Modelo Escalar      | 0,038 (0,036 – 0,040) | 0,060 | 0,942 | 0,943 | 0,004        |

## ESCALONAMENTO MULTIDIMENSIONAL

As medidas de ajustamento Standardized Residual Sum of Squares (Stress) foram satisfatórias (quanto menor o índice, melhor o modelo): Normalized Raw Stress = 0,00911; Stress-I = 0,09545 (Optimal factor = 1,009); Stress-II = 0,09454 (Optimal factor = 1,009); S Stress = 0,00927 (Optimal factor = 1,003)). Os demais índices de ajuste também foram adequados: DAF (Dispersion Accounted For) = 0,99089 e Tucker's Coefficient of Congruence = 0,99543. Nesse caso, quanto mais próximo a 1, melhor é o ajuste (Giguère, 2006).

O mapa perceptual bidimensional pode ser visualizado na Figura 2. A maioria das dimensões seguiram satisfatoriamente a ordem do disco cromático (azul  $\rightleftharpoons$  verde  $\rightleftharpoons$  amarelo  $\rightleftharpoons$  laranja  $\rightleftharpoons$  vermelho  $\rightleftharpoons$  roxo  $\rightleftharpoons$  azul...). Contudo, houve uma inversão entre o vermelho (Eros) e o laranja (Ágape), de forma que o laranja se aproximou do roxo (Mania) e o vermelho ficou próximo ao amarelo (Storge) e ao verde (Pragma).

Além disso, os itens não se agruparam de maneira tão

circular quanto se esperava, assemelhando-se mais a uma elipse. Os vértices do eixo maior seriam o vermelho/Eros (A1) e o roxo/Mania, com menor presença do azul/Ludus (A2), enquanto o eixo menor seria composto pelo laranja/Ágape (B1) e pelo verde/Pragma, com menor presença do azul/Ludus (B2).

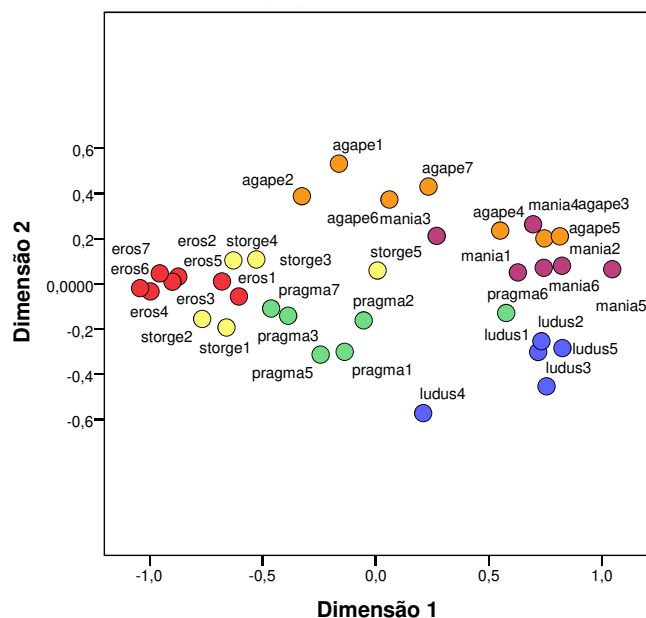


Figura 2 - Escalonamento Multidimensional PROXSCAL

As variáveis laranjas ágape\_3 ("Penso que não dá pra ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro(a) antes da minha"), ágape\_4 ("Penso em primeiro atender as necessidades de meu companheiro(a) e depois as minhas") e ágape\_5 ("Acho importante sacrificar meus desejos para deixar meu parceiro(a) realizar os seus") se agruparam muito próximas às roxas (Mania), sobretudo com a variável mania\_4 ("Acho difícil relaxar quando sei que meu parceiro(a) está com outra pessoa"). Da mesma maneira, o item mania\_3 ("Acho importante saber tudo que aconteceu na vida de meu companheiro(a)") se distanciou do seu grupo em aproximação aos laranjas (ágape).

Os itens da dimensão Storge (amarelo) não se agruparam adequadamente. Houve dispersão entre Eros (vermelho) e Pragma (verde). O item storge\_5 ("Penso que em meus romances a amizade transformou-se gradativamente em amor") foi o que mais se afastou das demais, se aproximando do centro do mapa. A variável pragma\_6 ("Acho que para escolha de um companheiro(a) é preciso utilizar a razão") também se dispersou do seu grupo e se aproximou mais de Ludus (azul). Em relação ao estilo Ludus, o item ludus\_4 ("Agradar-me a ideia de ter muitas aventuras românticas") apresentou maior distância em relação ao todo.

## DISCUSSÃO

Este artigo teve o objetivo de testar o modelo teórico da EEA através de análises confirmatórias, de invariância e de consistência interna, explorar a distribuição espacial dos dados em busca de evidências da circunplexidade da medida, bem como ampliar a pesquisa sobre a EEA a participantes homossexuais. Com base nisso, foram organizadas três seções de discussão e uma seção com considerações finais, limitações do estudo e um itinerário para pesquisas futuras.

### *Estrutura fatorial, consistência e invariância da medida*

Nesta pesquisa, o modelo teórico original de seis fatores se mostrou razoável para os dados. Os índices de ajustes foram satisfatórios e semelhantes aos estudos anteriores (Andrade & Garcia, 2009, 2014; Cassepp-Borges & Ferrer, 2019; Hendrick & Hendrick, 1986; Rodríguez-Santero et al., 2017; Rotzien et al., 1994; Yang & Liu, 2007). Contudo, estudos recentes indicam que o método de estimação DWLS tende a gerar melhores índices de ajuste quando comparados aos índices gerados através do método Maximum Likelihood (ML) (Xia & Yang, 2019).

A análise de invariância indicou que a EEA foi uma medida equivalente para homens e mulheres, de diferentes estados civis e regiões do Brasil, salvaguardando possíveis vieses de resposta. Estes resultados corroboram a qualidade da escala e asseguram a sua aplicação futura em amostras caracterizadas pelos aspectos que se mostraram invariantes neste estudo, indicando que os itens mensuram os mesmos construtos independente do gênero, estado civil ou região de habitação. Isso possibilita que as pontuações da escala sejam comparáveis entre estes grupos, o que é importante para estudos que objetivem comparar resultados entre diferentes grupos. Além disso, a invariância do instrumento potencializa a precisão dos resultados, indicando que a variação nas pontuações reflete diferenças reais entre os grupos e não diferenças na medida (Sánchez-Villena et al., 2019).

A consistência interna variou de 0,71 (Pragma) a 0,87 (Ludus), em média semelhante ou superior às pesquisas anteriores. A dimensão Ludus apresentou consistência interna (0,87) maior do que os demais estudos em língua portuguesa (<0,60) (Andrade & Garcia, 2009, 2014; Cassepp-Borges & Ferrer, 2019) e o estudo original (0,74) (Hendrick & Hendrick, 1986). A dimensão Pragma obteve a menor consistência interna (0,71), sutilmente inferior aos demais estudos, mas ainda razoável. Estes resultados ratificam os estudos anteriores, indicando que os itens apresentam correlações altas uns com os outros e que a escala é uma medida confiável e consistente. Hendrick et al. (1998) mostraram índices de consistência superiores em uma versão reduzida, e Andrade e Garcia (2014) recomendaram a redução da escala para estudos futuros. Em contra-

ponto, os estudos de Graham (2011) e Graham e Christiansen (2008) indicaram que as evidências sobre o uso da EEA reduzida são mistas.

Nenhum item saturou em uma dimensão a qual não pertencia, indicando certa ortogonalidade da medida, como discutido por Lee (1973) e utilizado por Hendrick e Hendrick (1986) e Andrade e Garcia (2009). Entretanto, métodos ortogonais impossibilitam analisar as correlações entre as dimensões, que, apesar de conceitualmente serem baixas, podem surgir e se transformar em importantes fios condutores da análise e discussão, como é o caso do estudo de Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Os autores encontraram correlações significativas de magnitude moderada entre Ágape e Eros (0,32), Ágape e Mania (0,29) e Storge e Pragma (0,34). Neste atual estudo, a correlação entre Ágape e Mania foi a mais proeminente (0,30), seguida de Eros e Pragma (0,30) e Storge e Pragma (0,27).

### CIRCUMPLEXIDADE

Em grande parte, os resultados da análise da distribuição espacial das dimensões foram semelhantes aos de Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Houve uma inversão entre o vermelho e o laranja na ordenação circular das cores e as demais cores seguiram relativamente a ordem da teoria. Segundo o mapa perceptual, os itens de Ágape se aproximaram mais de Mania, deixando os itens de Eros próximos de Storge e Pragma, que também se associaram. Tais distâncias no mapa, associadas às correlações constatadas entre Ágape e Mania, Storge e Pragma e Eros e Pragma, refutam a hipótese da localização espacial das dimensões como proposta por Lee na teoria original (1973). Para suportar a hipótese, cada dimensão (cor) deveria se correlacionar positivamente apenas com as dimensões (cores) adjacentes, o que não aconteceu.

Há argumento teórico para explicar as correlações entre Pragma e Storge, haja vista que são dimensões adjacentes no disco cromático original e devem se correlacionar, mas Eros e Pragma são complementares e deveriam se correlacionar negativamente, apesar de haver algumas possíveis semelhanças entre eles (ambos se guiam por ideais, estéticos e/ou sociais). Sobre a correlação entre Ágape e Mania não encontra respaldo teórico em Lee (1973). Entretanto, suporta o novo modelo de complementaridade proposto por Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Como visto anteriormente, Ágape seria uma manifestação mais branda de Mania e Pragma, o mesmo em relação a Storge (consultar o artigo original para informações visuais).

Os itens storge\_5 e mania\_6, que se afastaram consideravelmente dos demais itens de seus grupos, já haviam apresentado baixa carga fatorial na análise confirmatória, bem como têm aproximações teóricas que podem respaldar a fragmentação. Mania\_6 ("Acho importante saber tudo que aconteceu

na vida de meu companheiro(a)") pode ser interpretado como uma preocupação genuína não obsessiva com o(a) parceiro(a), se aproximando de Ágape, como aconteceu. Ao passo que, o item ágape\_3 ("Penso que não dá pra ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro(a) antes da minha") se aproximou mais de Mania, apresentando o mesmo padrão no estudo-referência, podendo expressar baixa autoestima e submissão emocional típicos de Mania, mas também o sincero autosacrifício de Ágape. Tais resultados corroboram a hipótese de Ágape como uma dimensão mais branda (estágio I) de Mania (estágio II).

### RELACIONAMENTOS HOMOAFETIVOS

Historicamente, os relacionamentos homoafetivos foram socialmente compreendidos como promíscuos e efêmeros, desassociados de fidelidade e estabilidade (Nascimento et al., 2015). Em contrapartida, os resultados deste estudo contribuem para evidenciar que os relacionamentos homoafetivos são vivenciados sob um espectro de atitudes, em relações que envolvem romance e intimidade e, também, dependência e gameplaying, em concordância com outros estudos com essa amostra (Adler et al., 1986; Hernandez & Baylão, 2020; Zamora et al., 2013). Ademais, os resultados contribuem para a generalização de constructos teóricos sobre o amor, normalmente adaptados com pessoas heterossexuais, para pessoas homossexuais. Isso implica afirmar que não há diferenças estruturais na dinâmica afetiva entre homossexuais e heterossexuais, corroborando providências legais e jurídicas que assegurem direitos como o casamento e a adoção com base em evidências científicas.

### LIMITAÇÕES

Apesar deste estudo ter apresentado dados consistentes, uma série de limitações precisam ser pontuadas. A princípio, não houve a necessidade de o indivíduo estar em um relacionamento amoroso para participar. As respostas dos participantes solteiros, que idealizaram ou apenas se lembraram de como se relacionam para responder, podem ser um problema para a confiabilidade. Outro aspecto a ser ressaltado é o caráter de autorrelato da pesquisa, bem como a falta de controle durante a coleta dos dados (características do ambiente de resposta, respostas múltiplas, engajamento etc.), que podem prejudicar a confiabilidade devido a fatores como desejabilidade social, desatenção ou desinteresse.

Essencialmente, a relação homoafetiva é constituída por duas pessoas do mesmo gênero, independente da orientação sexual. No entanto, este estudo teve como critério se declarar homossexual. Embora haja diferenças na vivência psicossocial da bi e da homossexualidade, sugere-se que, futuramente,

não se faça a inclusão de participantes por orientação sexual e sim por vivência de relacionamentos amorosos predominantemente homossexuais. No mesmo sentido, utilizou-se o critério de autodeclaração para mensurar a homossexualidade do(a) participante. Estudos recentes indicam que medidas de comportamento sexual são mais adequadas para acurar os resultados, aumentando a sensibilidade e precisão dos dados (De Oliveira & Hernandez, 2020). Apesar de contemplar homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, esta pesquisa é recortada à homossexualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até onde se sabe, este é o primeiro estudo brasileiro sobre a medida da teoria de John Alan Lee com uma amostra robusta de homens e mulheres homossexuais. Os resultados não indicaram diferenças estruturais nos estilos de amor nos relacionamentos homoafetivos em comparação aos heterossexuais previamente estudados. Embora seja uma amostra por conveniência, houve uma ampla diversidade entre os participantes e foi constatada invariância da medida para distintos grupos. Além disso, o presente estudo contemplou todos os estados brasileiros, mas não há informações suficientes para afirmar que todas as regiões foram bem representadas.

O modelo teórico original foi confirmado e as evidências de consistência interna foram semelhantes ao estudo original e outros estudos realizados. De maneira geral, os resultados apresentaram propriedades psicométricas razoáveis para a escala completa. Este também foi um dos primeiros estudos a testar o aspecto teórico da circunplexidade dos estilos de amar. Os resultados refutaram parcialmente a divisão de cores da teoria original, porém a reformulação no disco cromático proposta por Cassepp-Borges e Ferrer (2019) foi relativamente acatada, ratificando a hipótese de que *Ágape* seria uma manifestação branda de *Mania* e *Pragma* de Storge

Estudos futuros poderão investigar, por exemplo, se a alta correlação entre *Ágape* e *Mania* prevalecem em amostras com orientações sexuais diversas, o antagonismo entre *Eros* (amor romântico) e *Mania* (obsessão romântica) e maiores especificidades das relações amorosas entre pessoas não-cisgênero. Estudos longitudinais poderão fornecer evidências de estabilidade da medida e analisar o curso de desenvolvimento dos estilos do amor ao longo dos relacionamentos homoafetivos. Também serão oportunos estudos sobre os impactos da vivência de preconceito e discriminação nas atitudes em um relacionamento, bem como a resiliência de casais homoafetivos para lidar com a discriminação e manter a relação. Estudos psicométricos e psicossociológicos poderão discutir mais descritivamente as diferenças entre os homossexuais que se apropriam dos estigmas e mantêm relações lúdico-eróticas

e aqueles que aspiram ao compromisso e intimidade. Dentre muitas outras possibilidades, este é um campo de estudo ainda em desenvolvimento, com um itinerário promissor.

## DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada com bolsa de mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

## CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo (MSC = planejamento, coleta, análise e escrita do artigo; EUP = planejamento, orientação de coleta, orientação de escrita; AA = orientação de coleta, orientação e efetivação de análise de dados, orientação de escrita).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adler, N. L., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1986). Male sexual preference and attitudes toward love and sexuality. *Journal of Sex Education and Therapy*, 12(2), 27-30. <https://doi.org/10.1080/01614576.1986.11074876>
- American Psychological Association. (2023). *APA Dictionary of Psychology*. <https://dictionary.apa.org/homosexuality>
- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e crenças sobre o amor: Versão brasileira da Escala de Estilos de Amor. In *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), 89-102. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v3i1.34>
- Andrade, A. L. D., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: Indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 63-71. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100008>
- Barros, A. M. C. M., & Calvano, N. (2005). O teste de avaliação da tipologia do amor. In *Anais do II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*.
- Bento, B. (2012). O que é transexualidade. 2ª edição. *Brasilien-se*.
- Berscheid, E.; Hatfield, E. (1969). Interpersonal attraction. *Adison-Wesley*.
- Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. *Guilford Press*.
- Brown, T. (2015). Confirmatory Factor Analysis for Applied Research (2nd Ed). *Guilford Press*.
- Cassepp-Borges, V.; Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10(21), s-p. <https://doi.org/10.1017/jrr.2019.13>
- Castanho França, M. R. (2020). Homoafective families. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 17(1), 21-33.

- Clark, M. S.; Mills, J. (1979). Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. *Journal of personality and social psychology*, 37(1), 12. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.37.1.12>
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga—homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19(1), 19-24.
- Damásio, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18(2), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200005>
- De Oliveira Marques, A.; Hernandez, J. A. E. (2020). Subsídios teóricos para mensuração da sexualidade em pesquisas psicométricas. Em Castilho, D. B. *Cultura e Sociedade*. Atena. <https://doi.org/10.22533/at.ed.010201402>
- Evans-Pritchard, E. E. (1970). Sexual inversion among the Azande. *American Anthropologist*, 72(6), 1428-1434. <https://doi.org/10.1525/aa.1970.72.6.02a00170>
- Fehr, B. (2013). The social psychology of love. In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford handbook of close relationships*, 201–233. Oxford University Press.
- Gates, G. J.; Newport, F. (2015). An estimated 780,000 Americans in same-sex marriages. *Gallup Social Issues*. <http://www.gallup.com/poll/182837/estimated-780-000-americans-sex-marriages.aspx>
- Gates, G. J.; Ost, J. (2004). *The gay & lesbian atlas*. The Urban Institute Press. <https://www.urban.org/research/publication/facts-and-findings-gay-and-lesbian-atlas>
- Giguère, G. (2006). Collecting and analyzing data in multidimensional scaling experiments: A guide for psychologists using SPSS. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 2(1), 27-38. <https://doi.org/10.20982/tqmp.02.1.p026>
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748-771. <https://doi.org/10.1177/0265407510389126>
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x>
- Hatfield, E.; Walster, G. W. (1983). *A new look at love*. University Press of America.
- Hatfield, E.; Sprecher, S. (1986). *Mirror, mirror: The importance of looks in everyday life*. Suny Press.
- Hatfield, E.; Bensman, L.; Rapson, R. L. (2012). A brief history of social scientists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(2), 143-164. <https://doi.org/10.1177/0265407511431055>
- Hendrick, C.; Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392>
- Hendrick, C.; Hendrick, S. S.; Dicke, A. (1988). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personality Relationships*, 15(2), 147-159. <https://doi.org/10.1177/0265407598152001>
- Hernandez, J. A. E.; Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis Sexuais, Amor e Satisfação Conjugal em Indivíduos Heterossexuais e Homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hernandez, J. A. E.; Plácido, M. G.; de Araujo, A. L.; Neves, F. V. C. (2017). A psicologia do amor: vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(2), 131-139. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20553>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. <https://ibdfam.org.br/noticias/na-midia/4565/Censo+2010+contabiliza+mais+de+60+mil+casais+homossexuais>
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 910. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.910>
- Lafontaine, M. F.; Gabbay, N.; Péloquin, K.; Flesch, J. L.; Fitzpatrick, J. (2013). An overview of same-sex couples' love lives. *Integrating Science & Practice*, 3(2), 18-21.
- Lasswell, T. E.; Lasswell, M. E. (1976). I love you but I'm not in love with you. *Journal of Marriage and the Family*, 2(3), 211-224. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1976.tb00413.x>
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. New Press.
- Lee, D. J. A. (1976). Forbidden colors of love: Patterns of gay love and gay liberation. *Journal of Homosexuality*, 1(4), 401-418. [https://doi.org/10.1300/J082v01n04\\_04](https://doi.org/10.1300/J082v01n04_04)
- Lee, J. A. (1977a). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182. <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>
- Lee, J. A. (1977b). Going public: A study in the sociology of homosexual liberation. *Journal of homosexuality*, 3(1), 49-78. [https://doi.org/10.1300/J082v03n01\\_05](https://doi.org/10.1300/J082v03n01_05)
- Lee, J. A. (1979). The gay connection. *Urban Life*, 8(2), 175-198. <https://doi.org/10.1177/089124167900800204>
- Lee, J. A. (1987). What can homosexual aging studies contribute to theories of aging? *Journal of Homosexuality*, 13(4), 43-71. [https://doi.org/10.1300/J082v13n04\\_03](https://doi.org/10.1300/J082v13n04_03)
- Lee, J. A. (1989). Invisible men: Canada's aging homosexuals. Can they be assimilated into Canada's "liberated" gay communities? *Canadian Journal on Aging/La Revue canadienne du vieillissement*, 8(1), 79-97. <https://doi.org/10.1017/S0714980800011211>
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods*, 48(3), 936-49. <https://doi.org/10.3758/s13428-015-0619-7>

- Martins-Silva, P. D. O.; Trindade, Z. A.; Silva Junior, A. D. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(1), 16-31. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5JMDBw5ZhbQx7yddL4nb7tS/?format=pdf&lang=pt>
- Nascimento, G. C. M.; Scorsolini-Comin, F.; Fontaine, A. M. G. V., Dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Neto F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences*, 14(6), 795-803. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(93\)90092-H](https://doi.org/10.1016/0191-8869(93)90092-H)
- Neto F. (2002). Colors associated with styles of love. *Perceptual and Motor Skills*, 94(3), 1303-1310. <https://doi.org/10.2466/pms.2002.94.3c.1303>
- Peplau, L. A.; Fingerhut, A. W. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annu. Rev. Psychol.*, 58(1), 405-424. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085701>
- Rodríguez-Santero, J.; García-Carpintero, M. A.; Porcel Gálvez, A. M. (2017). Los estilos de amor en estudiantes universitarios. Diferencias en función del sexo-género. *Revista Internacional de Sociología*, 75(3), s-p. <https://doi.org/10.3989/ris.2017.75.3.15.171>
- Rotzien, A.; Vacha-Haase, T.; Murthy, K.; Davenport, D.; Thompson, B. (1994). A confirmatory factor analysis of the Hendrick-Hendrick love attitudes scale: We may not yet have an acceptable model. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 1(4), 360-374. <https://doi.org/10.1080/10705519409539985>
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-73. <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Sánchez, A. R. ; De La Fuente, V.; Ventura, J. (2021). Equivalence of measurement: on life before multigroup confirmatory factor analysis. *Actas Dermo-Sifiliográficas*, 112(5). <https://doi.org/10.1016/j.ad.2020.06.005>
- Schlösser, A.; Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. *Temas em Psicologia*, 22(4), 795-808. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-10>
- Sprecher, S.; Aron, A.; Hatfield, E.; Cortese, A.; Potapova, E.; Levitskaya, A. (1994). Love: American style, Russian style, and Japanese style. *Personal Relationships*, 1(4), 349-369. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1994.tb00070.x>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychology Review*, 93(2), 119-135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love*, 119-138. Yale University Press.
- Torres, C.; Neiva, E. R. (2011). *Psicologia social*. Artmed Editora.
- Troiden, D. R. R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of homosexuality*, 17(1-2), 43-74. [https://doi.org/10.1300/J082v17n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J082v17n01_02)
- Walster, E.; Walster, G. W. (1978). *A new look at love*. Addison-Wesley.
- Xia, Y.; Yang, Y. (2019). RMSEA, CFI, and TLI in structural equation modeling with ordered categorical data: The story they tell depends on the estimation methods. *Behavior research methods*, 51, 409-428. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-1055-2>
- Yang Y.; Liu A. (2007). Reliability and validity of the Chinese Love Attitude Scale. *Asian Social Science*, 3(8), 41-44. [https://www.researchgate.net/publication/41846600\\_Reliability\\_and\\_Validity\\_of\\_the\\_Chinese\\_Love\\_Attitude\\_Scale](https://www.researchgate.net/publication/41846600_Reliability_and_Validity_of_the_Chinese_Love_Attitude_Scale)
- Zamora, R.; Winterowd, C.; Koch, J.; Roring, S. (2013). The relationship between love styles and romantic attachment styles in gay men. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 7(3), 200-217. <https://doi.org/10.1080/15538605.2013.812927>

Data de submissão: 23/03/2022

Primeira decisão editorial: 22/02/2023

Aceite: 22/05/2023